

Proparoxítonas no português de São Tomé e Príncipe

Antepenultimate Stress in São Tomé and Príncipe Portuguese

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO [gabriel.antunes@icloud.com]

澳門大學 (Universidade de Macau), China

Universidade de São Paulo, Brasil

WU XINYA [raphtianm@gmail.com]

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO

Descrevemos e analisamos os processos de adição e apagamento nas palavras com acento antepenúltimo (proparoxítonas) do português de São Tomé e Príncipe (PSTP), elencando os contextos favorecedores e desfavorecedores desses fenômenos, baseados em Araujo et al. (2008). Assim, pretendemos aumentar o entendimento sobre as possibilidades tipológicas do português e contribuir com pesquisas sobre variedades menos documentadas. A análise dos dados mostrou que há palavras que mantêm o acento antepenúltimo, outras sofrem processos de apagamento e de adição. Esses processos opcionais de apagamento e mudança da posição de acento são sensíveis aos contextos pós-tônicos, engatilhados pelo apagamento de vogais pós-tônicas em sílabas com róticos, laterais e sibilantes. Igualmente, o PSTP apresenta pouca tolerância a sequências consonantais complexas. Assim, a estrutura da sílaba é o fator responsável pelo condicionamento do output produzido pelo falante. Dessa forma, os processos fonológicos encontrados nas proparoxítonas no PSTP também oferecem evidências para a singularidade desta variante.

PALAVRAS-CHAVE

Processos fonológicos; sílaba; acento; português

ABSTRACT

Based on Araujo et al. (2008), we describe and analyze the contexts triggering addition and deletion processes in words with antepenultimate stress (proparoxytones) in São Tomé and Príncipe Portuguese. Therefore, we hope to contribute to understanding Portuguese typological possibilities and document a less-known variety. The data showed that there are words that maintain the antepenultimate stress, while others undergo processes of deletion and addition. Furthermore, it was observed that optional deletion processes and stress shifts might be triggered by post-stressed vowel deletion in syllables with rhotic, lateral, and sibilant consonants. At the same time, São Tomé and Príncipe Portuguese avoid complex cluster sequences. Therefore, syllable structure is responsible for conditioning the output produced by the



speakers. Hence, the phonological processes found in antepenultimate words in São Tomé and Príncipe Portuguese also offer evidence for the uniqueness of this variant.

KEYWORDS

Phonological processes; Syllable; Stress; Portuguese

RECEBIDO 2023-03-05; ACEITE 2023-08-01

Gabriel Antunes de Araujo agradece à Universidade de Macau (bolsa SRG-2019-00153-FAH) e à Universidade de São Paulo que ofereceram as condições para o desenvolvimento deste trabalho. Wu Xinya agradece à Universidade Federal de Santa Catarina e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Igualmente, agradecemos a Shirley Freitas, aos editores e a dois revisores anônimos

1. Introdução

A República de São Tomé e Príncipe (STP) está localizada no Golfo da Guiné a 225 km da costa ocidental da África. Seu território é composto por quatorze ilhéus e duas ilhas principais, São Tomé e Príncipe. Segundo dados do INE (2016), em 2015, a população do país era de aproximadamente 197.700 habitantes. Ocupada de forma regular a partir da chegada de colonizadores portugueses nos últimos anos do século XV, ali se desenvolveu uma língua crioula, o protocioulo do Golfo da Guiné, que, posteriormente, especiou-se em quatro línguas (Araujo 2020; Bandeira 2017; Ferraz 1979). Três das quais ainda são faladas no território: o santome ou forro (cri), o angular ou lungwa ngola (aoa) e o principense ou lung'le (pre) (Bandeira et al. 2021). Adicionalmente, ainda é falado o kabuverdianu (kev), língua dos descendentes de trabalhadores contratados oriundos de Cabo Verde (Freitas et al. 2021). Contudo, desde 1975, o português tem se tornado a língua majoritária, sendo usada, no século XXI, pela totalidade da população (Araujo 2020; Balduino 2022; Bouchard 2017). O português igualmente é língua de alto prestígio social, do sistema de educação, da mídia e dos atos do Estado.

A configuração linguística do país e as condições de transmissão irregular do português, sobretudo nos últimos vinte e cinco anos do século XX, associadas às pressões sociais impostas aos falantes das línguas locais, acabaram por promover uma série de modificações que têm permitido a classificação do português de STP como uma variedade única da língua portuguesa (Agostinho et al. 2012; Araujo 2020; Araujo & Agostinho 2010; Balduino 2022; Balduino & Agostinho In preparation; Balduino et al. 2015; Bouchard 2017; Figueiredo 2014; Hagemeyer 2016; Santiago & Agostinho 2020; Silveira & Araujo 2018, entre outros). Embora essa variedade tenha atraído a atenção de investigadores nas últimas décadas, há ainda muitos aspectos a explorar. Assim, o presente estudo pretende investigar as alterações sofridas pelas palavras com acento antepenúltimo (proparoxítonas) no português de STP. A partir de uma descrição e análise fonética e fonológica, investigamos os processos de supressão ou adição¹ de segmentos, elencando os contextos favorecedores e desfavorecedores desses fenômenos.

1 Aqui, processos de aférese, síncope, apócope consistem na supressão, enquanto prótese, epêntese e paragoge são tipos de inserção. Neste trabalho, a síncope corresponde ao apagamento de um fone no interior da palavra, ou seja, na

A literatura, comumente, descreve as palavras proparoxítonas como elementos instáveis e dispensáveis do sistema linguístico da língua portuguesa. Dessa forma, a ‘redução’ das palavras proparoxítonas, isto é, a transformação (opcional) em paroxítonas, como no exemplo (1), provaria a rejeição da língua a esse padrão:

(1)	fós.fo.ro	> fós.fro	[ˈfɔs.fɾɔ]
	ó.cu.los	> ó.clus	[ˈɔ.klɔs]
	mú.si.ca	> mus.ga	[ˈmuz.gɐ]
	apólice	> a.pó.lis	[a.ˈpɔ.lɨs]

Adicionalmente, associados à tendência ao apagamento de seus constituintes, transformando as palavras de acento antepenúltimo em palavras de acento pré-final (Bisoll 1992, 1994; Collischonn 1999; Massini-Cagliari 1999), sua frequência seria (supostamente) baixa quando comparada ao acento padrão² pré-final (Lee 2004; Massini-Cagliari 2007). Ademais, as proparoxítonas seriam mantidas na língua graças à escolarização (Sandalo 1999), teriam sido incorporadas principalmente nos séculos XVI e XVII, graças à latinização do idioma, e isso não mais ocorreria (Williams 1975). Contudo, Araujo et al. (2008) demonstraram que as proparoxítonas são palavras comuns no português e que:

- (2) a. Sempre existiram, isto é, estão presentes na LP desde seus primórdios
- b. São encontradas em todas as épocas e são criadas com frequências proporcionais à sua representatividade no corpus, tanto as proparoxítonas, como as oxítonas
- c. Não há evidências que corroboram a ideia segundo a qual as proparoxítonas são mantidas na língua graças a pressões do sistema escolar
- d. Não há evidências que sustentam que os falantes evitem o uso das proparoxítonas ou que haja um direcionamento para uma mudança de posição de acento
- e. Empréstimos recentes sugerem que o princípio de conservação do acento ainda está ativo, em detrimento de um apagamento como regra

Ademais, segundo Araujo et al. (2008), as reduções (proparoxítonas > paroxítonas) só ocorrem em determinados contextos e há sequências, exemplificadas em (3), nas quais a redução é bloqueada, ou seja, simplesmente não ocorre:

sílabas pós-tônica não final, no caso de palavras proparoxítonas, a aférese se refere à supressão de um fonema ou sílaba no começo (na sílaba pretônica) de proparoxítonas e por fim, a apócope ocorre no fim (na sílaba átona final). No caso de inserção, os três termos também se relacionam com o lugar onde ocorre o processo: do começo ao fim, são a prótese, a epêntese e a paragoge.

2 Igualmente, Agostinho & Araujo (2007a, 2007b) mostraram que as palavras com acento final (oxítonas) são comuns na língua e não há nada que indique seu desuso ou abandono por parte dos falantes. Ao mesmo tempo, há também palavras oxítonas (pelo menos na forma gráfica) que se transformam (opcionalmente) em paroxítonas (<au.to.cad> [aʊ.to.ˈka.dʒi]) e paroxítonas que se transformam em proparoxítonas (<tá.xi> [ˈta.ki.sɨ]).

(3)	a.	mé.di.co	*mé.d.co ou *mé.dco	[ˈmɛ.dʒi.ko]
	b.	á.to.mo	*át.mo ou *á.tmo	[ˈa.tõ.mo]
	c.	sá.ba.do	*sáb.do ou *sá.bdo	[ˈsa.ba.dõ]

Assim, os autores concluem que:

as reduções (síncope e apócope) que transformam palavras proparoxítonas em paroxítonas ocorrem sob certas circunstâncias, dentre elas a possibilidade de uma consoante em coda ou onset ser ressilabificada como segundo elemento de onset complexo ou como coda, que ocorrem apenas em cerca de 1/3 das proparoxítonas. Além disso, foi mostrado que explicações paralinguísticas como a pressão da gramática normativa, a origem erudita da palavra ou a baixa frequência de uso não são causa nem consequência da existência ou da manutenção das proparoxítonas (Araujo et al. 2008: 88)

O estudo de Araujo et al. (2008) foi utilizado como ponto de partida para o nosso trabalho, pois estabelece os contextos que promovem a manutenção ou não da estrutura segmental, silábica e acentual nas palavras com acento antepenúltimo no português brasileiro³. Naquele trabalho, os autores empregaram o Dicionário Houaiss (Houaiss & Villar 2001) como uma base de dados e estabeleceram um corpus com 150.875 palavras (após o descarte de abreviações, siglas, elementos de composição e estrangeirismos não adaptados ao português, homônimos e palavras hifenizadas), com o intuito de legitimar a presença das proparoxítonas, bem como propor uma descrição da regularização sobre o fenômeno de apagamento ou adição. Assim, os autores apresentam uma tipologia das alterações possíveis nas proparoxítonas, discutida na seção 3.1. Assim, aqui aplicamos o modelo de Araujo et al. (2008) na variedade do português de STP.

O trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos o processo da coleta de dados, descrição e análise dos dados do corpus. Na seção 3, tratamos das análises das palavras proparoxítonas, assim como comparamos os padrões observados em Araujo et al. (2008). As considerações finais são apresentadas na seção 4.

2. Metodologia

Aqui, apresentamos o corpus do nosso estudo (seção 2.1), a seleção e análise dos dados (2.2), e uma breve descrição da sílaba (2.3) no português de STP.

2.1 Corpus

Os dados utilizados neste trabalho foram extraídos de um corpus coletado pelas pesquisadoras professoras Dr. Ana Livia Agostinho e Dr. Amanda Macedo Balduino, no projeto *Corpus do Português de São Tomé e Príncipe*, financiado pela Universidade de São Paulo. As pesquisadoras

3 Não há estudos que investigam as palavras proparoxítonas no português de Portugal.

realizaram mais de 40 entrevistas e coleta de dados específicos em contextos controlados, em São Tomé e Príncipe entre 2011 e 2018. Como não havia laboratórios de fonética no local, os dados foram coletados em ambientes interiores silenciosos⁴, com o auxílio de um gravador digital zoom H4n, um microfone AKG C 520 L e um gravador Olympus DM-650.

Neste trabalho foram utilizados dados coletados em experimentos controlados, empregando as técnicas de estimulação por imagem e de “repetições atrasadas”, ou seja, havia dois tipos de experimentos conforme diferentes processos fonológicos: (1) a elicitación com o auxílio de imagens e (2) a inserção da palavra-alvo na frase-veículo “Eu falo X baixinho”. Adicionalmente, nosso corpus é também formado por palavras proparoxítonas encontradas em entrevistas (espontâneas), contudo as poucas ocorrências espontâneas servem para corroborar as generalizações dos dados controlados. Igualmente, neste estudo, não beneficiar-nos-emos das informações sociais. Segundo Balduino (2022), a primeira técnica de coleta permitiria examinar processos como nasalização, sândi vocálico, apagamentos e adições, ao passo que a segunda criaria contextos controlados que favoreceriam a observação e extração de processos como vocalização, neutralização, apagamentos e adições, entre outros. Assim, como o nosso estudo é de base fonético-fonológica, poucos dados são suficientes para propormos nossas generalizações.

Posto que aqui desejamos revelar aspectos sincrônicos do português de STP, na seleção dos dados a faixa etária dos informantes (seis mulheres e seis homens) foi limitada a 18 e 23 anos. Em segundo lugar, todos possuem pelo menos nove anos de escolaridade. Aqui o português de São Tomé e Príncipe é considerado um vernáculo único, pois neste experimento, a região do informante não se mostrou um fator dominante.

2.2 Seleção e análise dos dados

Em relação à escolha dos itens lexicais na formação do corpus, foram consideradas a realidade de uso da língua em São Tomé e Príncipe (encontrados espontaneamente nas entrevistas) e logatomas (palavras inventadas ou que se comportavam como inventadas – posto que os informantes as desconheciam – mas que foram tratadas como se fossem palavras comuns) nativizados e produzidos pelos informantes de forma natural. Portanto, foram selecionadas todas as palavras em que seria possível observar processos fonológicos alvos da pesquisa. O experimento também continha itens distratores, ou seja, elementos lexicais empregados, unicamente, para distrair os informantes e evitar o efeito ‘lista’, isto é, a repetição de padrões, alguns não naturais, encontrados tipicamente em listas de palavras.

No nosso estudo, analisamos os dados de fala com o auxílio do software Praat (Boersma & Weenick 2015). Inicialmente, extraímos as palavras-alvo das frases-veículo e das entrevistas. Segundo, salvamo-las em formato WAV, com etiquetas que continham a palavra-alvo e um número indicando a ordem de sua repetição. Por exemplo, “célebre-2” se refere à palavra-alvo “célebre” que apareceu na segunda rodada de repetição de um determinado informante. Para auditar os dados, também catalogamos a frase-veículo completa de cada palavra, intitulando-a “célebre-c”,

4 Em São Tomé, foram utilizadas as instalações da Embaixada do Brasil e na Ilha do Príncipe, os estúdios da Rádio Regional do Príncipe.



onde “c” significa “completa”, com um determinado informante. Mesmo com acesso a todos os dados, utilizamos apenas dados da segunda e terceira rodadas, assumindo que as falas estivessem mais próximas à fala natural, devido aos efeitos de repetição que torna a produção de dados monótona e livre de controle. Adicionalmente, elaboramos as transcrições fonéticas de todas as palavras-alvo. As formas ortográficas das palavras, as transcrições fonéticas e os tempos inicial e final da produção de cada elicitação sob o nome de cada informante contribuiu com a catalogação dos dados. Quarto, categorizamos as palavras por diferentes contextos fonológicos, como, por exemplo, a natureza da consoante pós-tônica não final, da consoante pós-tônica final, da vogal pós-tônica etc., com o intuito de obter generalizações das regras dos fenômenos de adição ou apagamento, a partir desses contextos silábicos e segmentais.

2.3 Segmentos e sílabas do português de STP

O português de STP possui sete vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e cinco vogais nasalizadas [ĩ, ê, õ, ã, ũ], em posição tônica. Quanto à posição pós-tônica, as vogais médias baixas [ɛ, ɔ] não foram documentadas no meio e no final de palavra. A vogal [o] foi encontrada no meio da palavra, mas não no final da palavra. Em relação às vogais nasalizadas, não foram verificadas em posição pós-tônica no meio da palavra e, no final da palavra, só foram encontradas [ẽ, ẽ̃, ã̃]. As vogais centralizadas [ɪ, ɐ, a, ʊ] foram encontradas em pós-tônicas finais, tal como as vogais ensurdecidas [ĩ, ɔ̃], segundo Balduino (2022: 171-209). Ainda, segundo Balduino (2022: 169-170), há 18 consoantes fonológicas no português de STP: /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ʎ, R, l, f, v, s, z, S, Z/. Como nas demais variedades do português, /ɲ, ʎ/ não ocorrem na posição inicial de palavra. A consoante /R/ ocorre como [r] e [ʁ] em posição de onset (simples ou complexo).

No que diz respeito à composição das sílabas, as posições de onset e coda podem ser preenchidas por no máximo dois elementos. O onset complexo pode ser formado pela primeira consoante oclusiva /p, b, t, d, k, g/ ou fricativa /f, v/, seguida por uma líquida /l/ ou um rótico (realizado como uma vibrante simples [r] ou por uma fricativa uvular [ʁ]). No nosso corpus, não foram documentados os onsets complexos /tl/ (em pretônicas e pós-tônicas), /vl/ (em pós-tônicas) e /dl/ (em todas as posições). De acordo com Goldsmith (1990), o número de elementos na coda é sempre menor do que no onset, ou seja, a posição de coda é geralmente um subconjunto da posição de onset. Posto que o licenciador primário (o nó silábico) é responsável por determinados traços em onset e em núcleo, o nó da coda, por conseguinte, é um licenciador secundário, permitindo menos contrastes do que o onset. Na posição de coda, foram observados quatro segmentos fonológicos: uma nasal /N/, uma sibilante /S/, um rótico /R/ e uma lateral /l/. No que diz respeito às realizações fonéticas, há mais variações do que as encontradas na posição de onset. Em posição de coda, /S/ é produzido como [s, ʃ, z, ʒ], /R/ é produzido como [r, ʁ, h, x, ʁ, r], entre os quais [r, ʁ] são os mais frequentes; /l/ possui duas realizações [l, w]. Ademais, /Ns/ foi encontrada também em posição pretônica. Também foi documentada a coda [ts], subproduto de uma série de apagamentos vocálicos. Dessa forma, o molde silábico fonético do português de STP, pode assim ser resumido: V, VG, GV, CV, VC, CVG, CGV, CVGC, CGVC, CVC, CVCC, CCV, CCVG, CCVC e CCVCC.

3. Análise

Nessa seção, analisaremos as palavras proparoxítonas, a partir das condições de manutenção e alteração propostas por Araujo et al. (2008) com o objetivo de propor uma generalização dos contextos favorecedores dos processos de adição ou apagamento, com o auxílio de exemplos de espectrogramas de algumas realizações. Inicialmente, apresentaremos as palavras proparoxítonas e listaremos as conclusões do estudo do português brasileiro que incluem condições que favorecem e não favorecem a ocorrência dos processos. Em seguida, descreveremos as palavras que mantiveram sua posição de acento, agrupá-las-emos de acordo com a situação da implementação das condições. Adicionalmente, analisaremos as palavras cujo acento é alterado para oxítonas (acento final) e as superesdrúxulas (acento pré-antepenúltimo). Por fim, focaremos nas palavras que se transformaram em paroxítonas (acento pré-final).

Pretendemos apresentar uma análise do comportamento das palavras proparoxítonas no português de STP, a partir da implementação das condições estruturais propostas (adaptado de Araujo et al. 2008: 76-80), listadas em (4). Assim, apontamos as condições propostas pelos autores que levavam à redução das proparoxítonas ou que as impediam:

- (4)
- a) Não ocorre o apagamento se alguma das consoantes /p, b, t, d, g, k, f, v/ estiver na posição de onset da sílaba pós-tônica medial e no onset da sílaba final. Nesse caso, o apagamento da vogal pós-tônica imediata geraria uma sequência agramatical, como em ‘rápido’ *ráp.do/*rá.pdo, ou seja, tanto a coda <p>, como o onset complexo <pd> são agramaticais. Segundo Araujo et al. (2008: 79), 62,7% do corpus, ou seja, 15.538 palavras de um total de 18.413 não permitem a redução, justamente por gerar clusters inválidos.
 - b) Se a consoante /l/ estiver na posição de onset na sílaba pós-tônica não-final, a síncope acarretaria a ressilabificação de <l>, alocando-a na posição de coda da sílaba pós-tônica e gerando sua vocalização, como em ‘católico’ ??cato[w]co. Essa produção seria ‘limitrofe’, embora não necessariamente agramatical.
 - c) A síncope pode ocorrer quando a sílaba pós-tônica não final é formada por CV, sendo a sua consoante contínua coronal (/s/ ou /z/) e uma vogal. Depois do apagamento da vogal, a consoante é ressilabificada para a coda da sílaba tônica. Ocorre aqui também o espalhamento do traço [voz] das consoantes da sílaba pós-tônica não final para o onset da sílaba pós-tônica final, como em ‘música’ [‘muz.gɐ]
 - d) A síncope pode ocorrer quando a sílaba pós-tônica não final for formada por CV, sendo um rótico (/r/ ou /r/) e uma vogal. Depois do apagamento da vogal, o rótico é ressilabificado para a coda da sílaba tônica, como em ‘córrego’ [‘koɾ.gɔ].
 - e) A síncope da vogal final poderia ocorrer quando a sílaba final for formada por uma consoante sibilante na posição de onset. A ressilabificação do onset sibilante para a coda formaria uma sílaba gramatical, como em ‘elefantíase’ [e.le.fɛ.tʃi.as],
 - f) A síncope pode ocorrer quando a sílaba pós-tônica é formada por uma das consoantes nasais (/m, n/) e uma vogal. Nesse caso, a sílaba pós-tônica inteira pode ser apagada. Ainda, a nasalidade da consoante pós-tônica não final é espalhada para a sílaba tônica, como em ‘número’ [‘nũ.ro].



- g) A síncope pode ocorrer quando o apagamento da vogal da sílaba pós-tônica gera um cluster formado por uma consoante /p, b, t, d, g, k, f, v/ seguida por /l/ ou um rótico, como em ‘obstáculo’ [o.bis.'ta.klo].

Dessa forma, analisamos o comportamento das palavras proparoxítonas no português de STP, tendo em conta os itens apontados em (4).

Em primeiro lugar, abordemos as palavras proparoxítonas que não sofrem apagamentos. Embora haja uma impressão de que a maior parte das palavras proparoxítonas seja passível de redução, o estudo de Araujo et al. (2008: 79) mostrou que a maioria (62,7%) dos dados do corpus não é passível de redução, pois o apagamento da vogal pós-tônica não cria o contexto silábico de promoção da redução. De fato, o mesmo ocorre no português de STP. Portanto, nos exemplos em (5), as primeiras consoantes na posição de onset da sílaba pós-tônica não final e as primeiras consoantes na posição de onset da sílaba pós-tônica final das quatro palavras — *época*, *hóspede*, *horóscopo* e *nádegas* — contêm consoantes do grupo /p, b, t, d, g, k, f, v/. Assim, todos os exemplos listados em (5) não possuem o contexto engatilhador da supressão de segmentos.

- | | | | |
|-----|----|--------------|----------------|
| (5) | a. | é.po.ca | [ɛ.pu.ka] |
| | b. | hós.pe.de | [ˈɔ̃ʃ.pi.di] |
| | c. | ná.de.gas | [ˈna.di.ga] |
| | d. | ho.rós.co.po | [o.'ɔ̃ʃ.ku.pɔ] |

Os exemplos em (6), por sua vez, mostram que mesmo que haja outro processo fonológico em tela, a restrição que impede a formação de clusters malformados (após o apagamento da vogal pós-tônica) não pode ser violada. Em (6a), a coda consonantal da sílaba tônica é apagada. Em (6b), a vogal [i] é inserida com o intuito de desfazer o cluster [tm], agramatical neste dialeto. Em ambos os casos, o acento antepenúltimo é mantido, pois tanto o apagamento da vogal [e] em (6a), como a manutenção do cluster [tm] em (6b) gerariam sequências agramaticais.

- | | | | |
|-----|----|-------------|-------------|
| (6) | a. | ál.ge.bra | [ˈa.ʒe.brɐ] |
| | b. | Ba.t(i).man | [ˈba.ti.mã] |

Assim, no português de STP, não ocorre o fenômeno da redução de proparoxítonas quando o apagamento de elementos vocálicos nas sílabas pós-tônicas gera sequências silábicas agramaticais. Essa conclusão corrobora a mesma proposição do português brasileiro e, como tal, nos permite supor que a maioria das palavras proparoxítonas não pode ser reduzida, dada a equivalência das duas variantes e sua verticalidade no espectro da língua portuguesa.

Adicionalmente, o exemplo em (7) revela que embora houvesse a possibilidade de apagar a vogal da sílaba pós-tônica e rersilabificar o [l] do onset para a coda da sílaba tônica – gerando as formas hipotéticas ?[ˈfɔl.gu] ou ?[ˈfɔ̃l.gu] –, os informantes optam por manter o acento na antepenúltima sílaba. Dessa forma, a produção em (7) se distingue das produções teóricas (porém limitofes) em contextos semelhantes como ‘católico’ ??[kaˈtɔwku] e ‘evangélico’ ??[evẽˈʒewku] do português brasileiro. Novamente, temos um caso de convergência entre as duas variedades de

português, não obstante trata-se de um caso que não possa ser rotulado como agramatical e, por essa razão, é classificado como limítrofe (aceite por alguns ou muitos informantes).

- (7) fô.le.go [ˈfõ.le.gõ], mas também ?[ˈfõ.lõ.gõ]

No que diz respeito às palavras que engatilham condições estruturais propícias à ocorrência de processos de supressão no português brasileiro, os dados do português de STP revelam um quadro mais complexo. A leitura de Araujo et al. (2008: 77), *mutatis mutandis*, sugeriria que vocábulos como *dízimo*, *pêssego*, *centímetro* e *diâmetro* poderiam ser realizados no português de STP (opcionalmente) como [ˈdiz.mõ], [ˈpez.gõ], [sẽ.ˈtĩ.tõ] e [di.ã.ˈtõ], respectivamente. Nas duas primeiras palavras, sendo a sílaba pós-tônica não final formada por CV, e C sendo uma consoante contínua coronal (/s/ ou /z/), o apagamento da vogal permitiria que a consoante fosse ressilabificada para a coda da sílaba tônica. Já nas duas últimas palavras, a presença de uma das consoantes nasais (/m, n/) seguida por uma vogal e o apagamento desta na sílaba pós-tônica também poderia engatilhar a síncope. Contudo, no português de STP, isso não ocorreu. Portanto, as suas realizações apresentam uma configuração homogênea, na qual não ocorreram grandes diferenças entre cada realização por diferentes informantes. De uma maneira geral, houve um ensurdecimento da vogal da sílaba pós-tônica, sem, contudo, se configurar em um apagamento, como em (8). Assim, é possível afirmar que, nessa variedade do português, a estrutura formada pelas consoantes contínuas coronais, /s, z/, na posição de onset da sílaba pós-tônica mostrou-se mais estável e repeliu o apagamento da vogal. É possível que o não apagamento das sílabas pós-tônicas aqui esteja associado ao fato de haver uma preferência generalizada pela estrutura CV no português de STP. Balduino (2022: 234) realizou um experimento que tinha por objetivo investigar a habilidade dos falantes de separar sílabas. Nos experimentos, a estrutura CV foi considerada preferida pelos informantes. Os exemplos em (8) e (9) corroboram Balduino (2022) ao observarmos que a síncope geraria sílabas CVC, em (8) e (9), isto é, as palavras desses exemplos, após a síncope, teriam uma estrutura CVC.CV, como em (8), sendo que as palavras *centímetro* e *diâmetro* teriam uma coda nasalizada, pós-síncope, também repelida de forma geral (Balduino & Araujo 2023). Contudo, como será mostrado em (10), nem todo tipo de sílaba CVC é repelida, pois há maior tolerância à consoante lateral velarizada na coda. Ainda em (9), a sílaba CCV sofre o apagamento do rótico no onset complexo, gerando a estrutura CV.

- (8) a. *dízimo* [ˈdi.zi.mõ], [ˈdi.zĩ.mõ]
 b. *pêssego* [ˈpẽ.se.gõ], [ˈpẽ.sẽ.gõ]

Nas palavras *centímetro* e *diâmetro*, em (9), não temos a síncope da vogal pós-vocálica, nem o espalhamento do traço de nasalidade⁵.

- (9) a. *centímetro* [sẽ.ˈti.mi.tõ], [sẽ.ˈti.me.tõ]
 b. *diâmetro* [di.ˈa.me.tõ], [di.ˈa.mĩ.tõ]

5 Para um tratamento da nasalidade no português de STP, ver Araujo & Balduino (2019) e Balduino (2022).

Ocorre, todavia, um outro tipo de apagamento, a apócope: a consoante [r] foi apagada na sílaba átona final. Assim, a sílaba final [tro], em ambos os casos, é realizada como [to]. Ainda, observamos um alçamento da vogal em posição pós-tônica não final, ou seja, a vogal média [e] foi realizada opcionalmente como a vogal alta [i], todavia sem consequências para a redução das proparoxítonas. Contudo, o quadro pode ser mais complexo. O vocábulo *diálogo* foi produzido de duas formas: [di.'a.lu] e [di.'aʎ.gu]. Em [di.'a.lu], a sílaba átona final inteira [gu] foi apagada, ou seja, houve uma apócope⁶. Em [di.'aʎ.gu], a vogal [u] da sílaba pós-tônica foi apagada, resultando em [di.'a.l.gu] e, a seguir, a consoante [ʎ] foi ressilabificada para a sílaba tônica, ocupando a posição de coda e se velarizando, resultando em [ʃ].

(10) diálogo [di.'a.lu], [di.'aʎ.gu]

Na figura 1, o espectrograma da realização [di.'aʎ.gu] para a palavra 'diálogo' nos permite observar a realização de [ʃ] na coda e a ausência completa da vogal [u].

A palavra *psicólogo*, por sua vez, foi realizada por um mesmo informante de maneiras distintas. Essa variação revela duas propriedades sobre a realização das sílabas no português de STP. A primeira, observável em todas as realizações, é a inserção de uma vogal protética entre as consoantes [p] e [s], desfazendo o cluster [ps] e gerando a sílaba [pis], como em (11). Uma produção permitiu a síncope da vogal [u] da sílaba pós-tônica não final e uma ressilabificação da consoante [ʎ] da sílaba para a coda da tônica, formando uma nova sílaba bem-formada [kɔʎ], com o [ʎ] velarizado. Ambas as realizações são gramaticais.

(11) psicólogo [pis.'kɔ.lu.gu], [pis.'kɔʎ.gu]

Na figura 2, apresentamos o espectrograma de [pis.'kɔʎ.gu], no qual se pode observar a realização da consoante [ʃ] antes de [g], bem como a não produção de qualquer vogal entre essas consoantes.

Diferentemente de palavras como *fôlego*, os itens *diálogo* e *psicólogo* escapam à generalização estabelecida por Araujo et al. (2008), pois a consoante /ʎ/ estava na posição de onset na sílaba pós-tônica, e houve a síncope da vogal da sua sílaba, bem como a ressilabificação. Esse comportamento não era totalmente descartado ou imprevisível, porém foi classificado como 'limítrofe'. Dessa forma, comparando as palavras *psicólogo*, *diálogo* e *fôlego*, a diferença significativa é o contexto seguinte à sílaba tônica: em *psicólogo* e *diálogo*, há vogais idênticas na posição de núcleo da sílaba pós-tônica não final, enquanto em *fôlego* há um par distinto de vogais pós-tônicas. Na literatura, os traços de articulação da vogal foram analisados no contexto fonológico seguinte (Yida et al. 2019) e, como também sugerem os resultados de Amaral (2002), vogais com o traço [labial] podem ser favorecedoras do processo, em contextos pós-tônicos, em geral. Portanto, é possível que vogais idênticas nas sílabas pós-tônicas, com determinados traços, tenham alguma influência, porém, isso é um assunto que requer uma exploração mais detalhada em uma pesquisa futura.

6 Esse processo é menos comum e pouco previsível, pois nem todas as sílabas finais são completamente apagadas. O processo de apócope merece ser alvo de pesquisas futuras, contudo foge ao escopo deste artigo. Além disso, ele não ocorre exclusivamente com proparoxítonas e é comum em alguns dialetos brasileiros, como o mineiro.

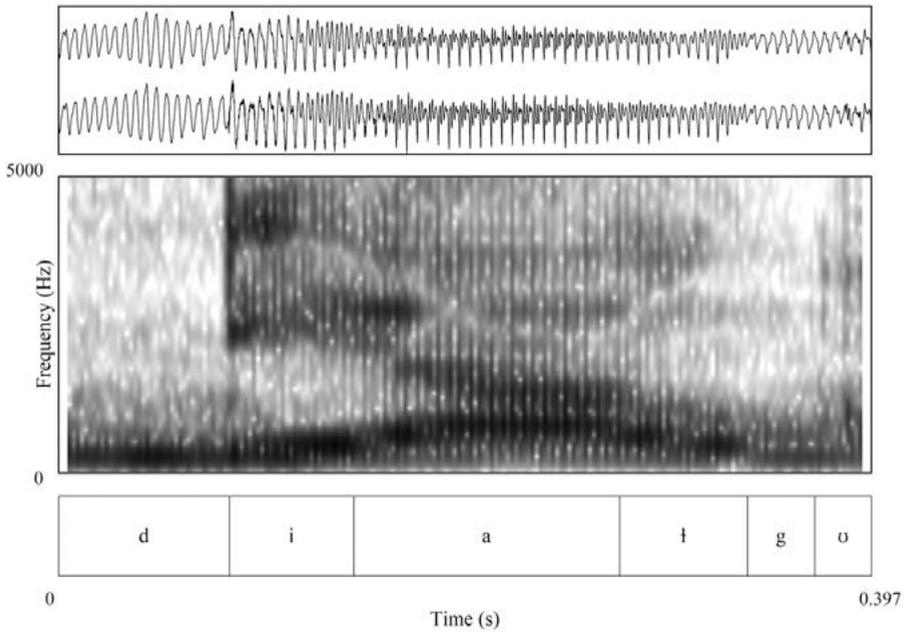


Figura 1. Espectrograma de [di.'aʎ.gu].

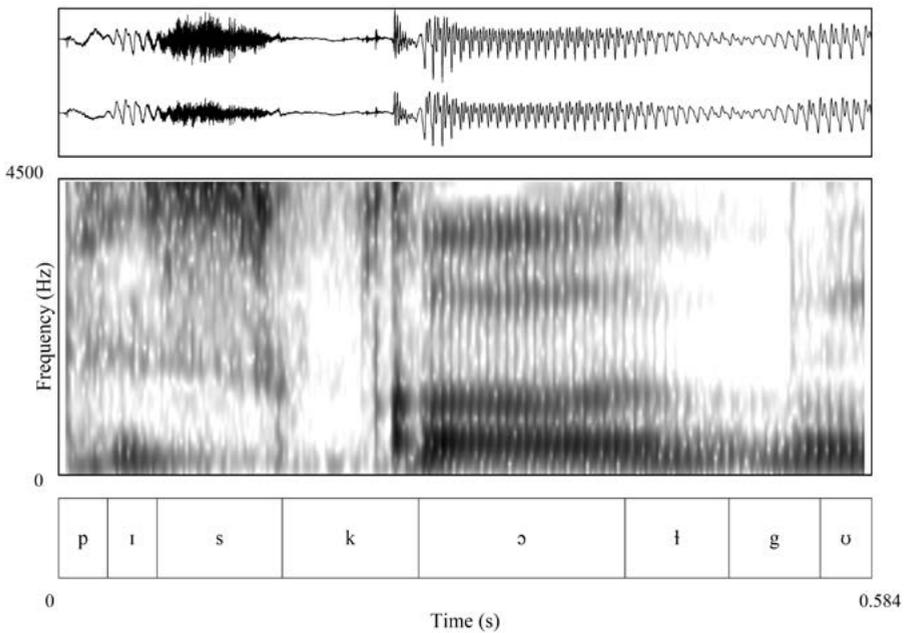


Figura 2. Espectrograma de [pɪs.'kɔʎ.gu].

Ademais, os dados indicam que a consoante lateral /l/ no onset pós-tônico pode engatilhar o apagamento da vogal na sua sílaba. No português de STP, são registradas várias realizações de /l/ na posição de coda. Segundo Vieira & Balduino (2020), um mesmo falante produz essa consoante, na posição de coda, ora como lateral velar [ɫ] (49,87%), ora como glide [w] (19,09%) ou a apaga por completo. No PB, a realização da lateral na posição de coda varia entre um elemento vocalizado [w], velarizado [ɫ] ou labializado [lʷ]. Estes dois últimos tipos ocorrem com mais frequência em certas regiões de imigração, rurais e ainda podem ser influenciadas em contextos bilíngues. Contudo, parece mesmo haver uma tendência da consoante lateral na coda ser realizada preferencialmente como um elemento vocalizado na variedade brasileira. Neste trabalho, observamos que, no português de STP, a realização da lateral como [ɫ], sendo uma consoante licenciada na posição de coda parece favorecer a ressilabificação engatilhada pelo apagamento da vogal de sua sílaba.

A palavra *célebre* foi produzida de três formas distintas: [se.'le.bu], [se.'le.gu] e ['se.le.bu]. Devido às semelhanças entre *célebre* e *cérebro*, é possível que tenha havido uma má compreensão da palavra-alvo “cérebro”. Contudo, estruturalmente, ambas as palavras (e suas produções) nos interessam, independente de seu significado. A questão aqui é, portanto, a qualidade da sílaba produzida e seu acento. Em primeiro lugar, em [se.'le.bu] e [se.'le.gu], a vibrante [r] da sílaba pós-tônica não final foi substituída pela lateral [l], possivelmente devido à semelhança do ponto de articulação. Concomitantemente, ocorreu a apócope de [r] do onset complexo da sílaba final, formando uma sílaba CV, [bu], processo regular de apagamento de clusters, como já discutido. Contudo, houve a mudança (opcional) da posição do acento (de antepenúltimo para pré-final). Todavia, outros informantes produziram ['se.le.bu], item no qual a posição de acento não foi alterada.

(12) cérebro [ˈse.le.bu], [se.'le. bu] [se.'le. gu]

A figura 3, apresenta um espectrograma de [se.'le.bu]. Podemos observar que a vogal [ɛ] é mais longa, quando comparada às outras vogais. A duração é um dos correlatos do acento em português (Moraes & Wetzels 1992).

Alterar (opcionalmente) a posição do acento de proparoxítono para paroxítono não é, contudo, totalmente incomum: as palavras *parênteses*, *técnica* e *indígena* demonstram esse comportamento, graças à aplicação de uma série de processos. Assim, a palavra *parênteses* apresentou as realizações: [pa.'ɤ̃.ti.sɪ], [pa.'ɤ̃tʃ], [pa.'ɤ̃ts] e [pa.'ɤ̃s]. Em [pa.'ɤ̃.ti.sɪ], além do alçamento da vogal média-alta [e] para a vogal alta [i], ocorreu a apócope da consoante da sílaba pós-tônica final, por conseguinte, o acento antepenúltimo permanece. Quando comparamos os espectrogramas de outras duas realizações, [pa.'ɤ̃tʃ] e [pa.'ɤ̃ts], a diferença se dá na presença de codas diferentes na sílaba tônica. Em [pa.'ɤ̃tʃ], a síncope da vogal da sílaba pós-tônica não final [e] engatilhou o apagamento da rima da sílaba átona, fazendo com que a consoante em posição de onset se ressilabificasse à esquerda, formando com o [t] uma coda [tʃ]. Assim, temos [pa.'ɤ̃tʃ]. Já em [pa.'ɤ̃ts], ocorreram os mesmos processos, só que a coda final resultante foi realizada como [ts]⁷. Isso sugere, portanto, a realização de um cluster complexo em coda realizado com [tʃ] ou

7 A natureza dessa produção ainda não é totalmente compreendida em português. Além de poder ser realizada na coda, há também exemplos desse cluster no onset e, dada a sua natureza distintiva, é possível que se configure um

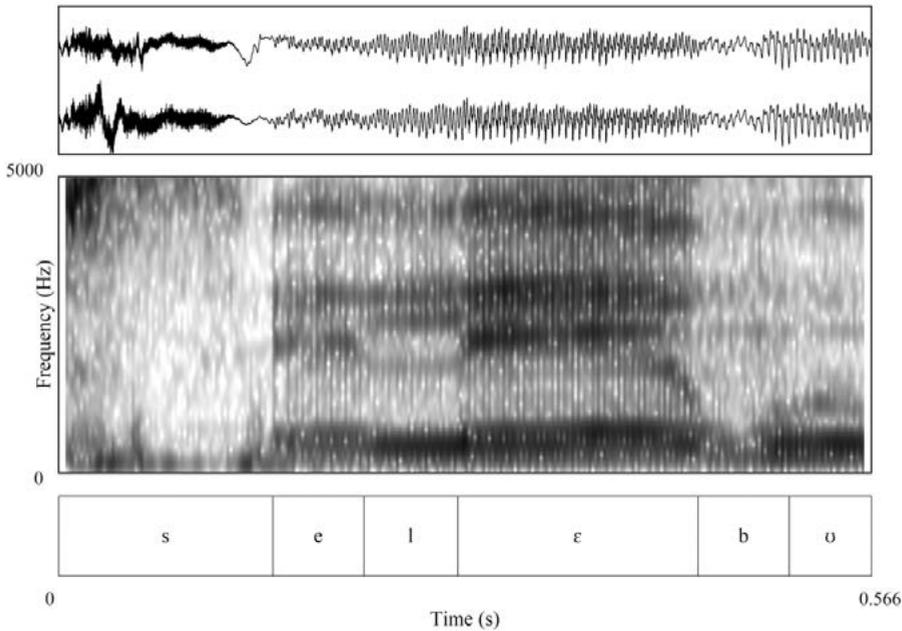


Figura 3. Espectrograma de [se.'le.bo].

[ts], também descrito por Balduino (2022: 112). Ainda houve o apagamento da consoante [t] do cluster, gerando [pa.'kẽs].

Ademais, no português de STP, esse item lexical (ver figura 4) é comumente realizado com uma consoante fricativa alveolar surda na posição de onset da sílaba final, [pa.'kẽ.te.sjʃ], ao invés de um elemento sonoro, como em outras variantes do português, [pa.'kẽ.te.ziʃ]. Isso pode ser verificado pelas seis realizações da consoante [s] nas elicitacões dos três informantes após o apagamento da rima, uma parte vulnerável da estrutura silábica nesta variante.

- (13) parênteses [pa.'kẽ.tri.sɪ], [pa.'kẽtʃ], [pa.'kẽts], [pa.'kẽs]

O acento da palavra *técnica* se manteve na posição original, isto é, na primeira sílaba. No entanto, a consoante [k] na posição de coda da primeira sílaba foi ressilabificada para o onset de uma nova sílaba, após a inserção de uma vogal [ɪ] a fim de impedir o cluster [kn], formando ['tɛ.kɪ.ni.kɐ]. A figura 5 contém um espectrograma da produção dessa palavra. Dessa forma, a palavra passou a ter o acento na pré-antepenúltima sílaba fonética.

- (14) técnica ['tɛ.kɪ.ni.kɐ]

fonema legítimo do português, embora esteja ainda restrito a poucas palavras, como 'pizza' ['pi.tsa], 'tsunami' [tsu.'nẽ.mi], 'Fujitsu' [fu.'zi.tso], Mitsubishi [mi.'tsu.bi.ʃi] etc.

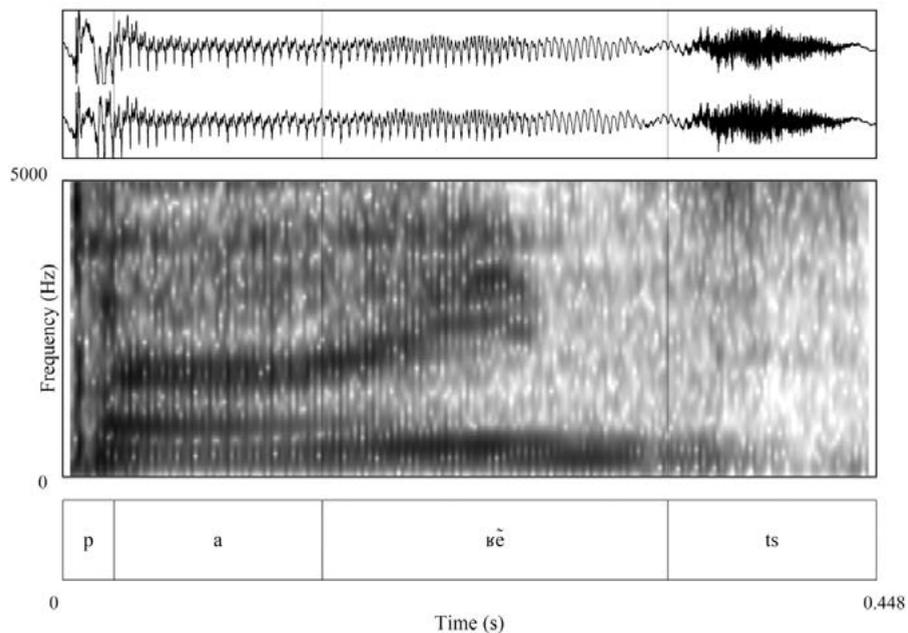


Figura 4. Espectrograma de [pa.'kɛts].

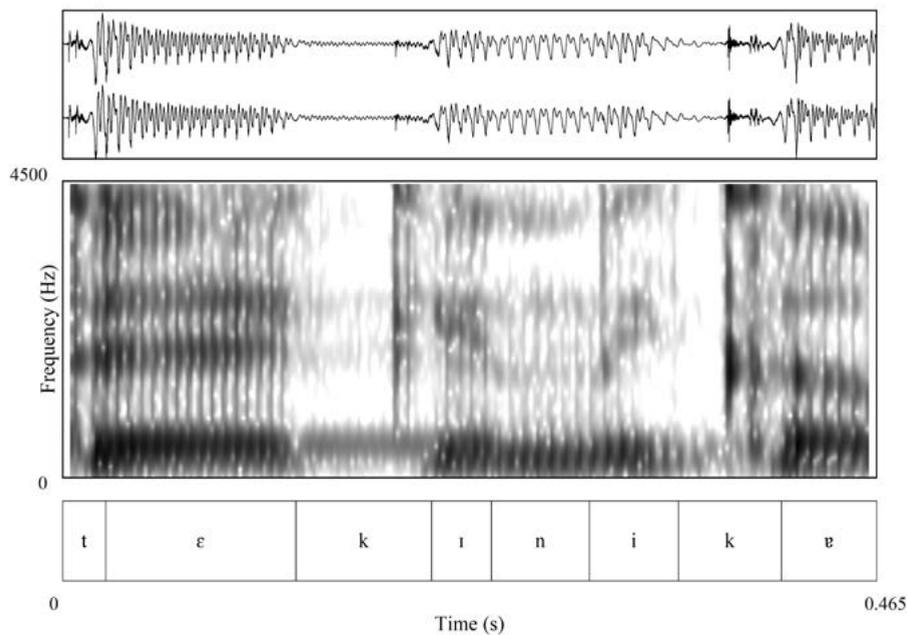


Figura 5. Espectrograma de ['tɛ.kɪ.ni.kɐ].

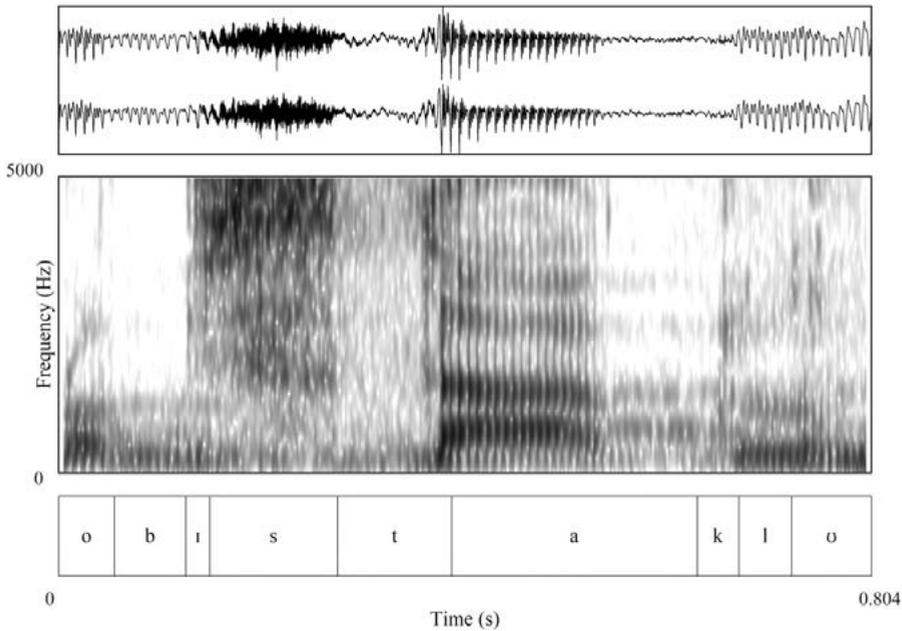


Figura 6. Espectrograma de [o.bis.'ta.klɔ].

Em suma, a condição na qual uma das consoantes /p, b, t, d, g, k, f, v/ ocupa a posição de coda da sílaba tônica e de onset da sílaba pós-tônica medial após a síncope (da vogal da sílaba medial) se mostra robusta no português de STP, como no português brasileiro, assim a inserção de uma vogal para se evitar um cluster agramatical é a opção preferida.

As palavras proparoxítonas que contêm uma consoante /p, b, t, d, g, k, f, v/ no onset da sílaba pós-tônica, seguido por uma sílaba cujo elemento inicial é a lateral /l/ ou um rótico podem sofrer o processo de redução. Assim, na palavra *obstáculo*, a consoante [k] no onset da sílaba pós-tônica não final, após o apagamento da vogal de sua sílaba, forma um cluster com a consoante lateral da sílaba seguinte. Nesse caso, houve também a inserção [ɪ] entre o cluster [bs] na sílaba pretônica. Contudo, é o apagamento da vogal pós-tônica medial [u] que engatilha a redução da proparoxítona. Na posição de onset da sílaba pós-tônica final está uma consoante líquida (/R, l/). Assim, a queda da vogal pós-tônica não final gera a ressilabificação da líquida, criando um onset complexo, como pode ser observado no espectrograma da figura 6.

(15) obstáculo [o. bis.'ta.klɔ]

Portanto, a robustez do padrão de 'redução' das proparoxítonas só se manifesta diante das condições estruturais ideais. Embora haja uma crença na redução automática das proparoxítonas, os dados do português de STP sugerem que o quadro não é tão simples assim (cf. Monaretto et al. 2001; Yida et al. 2019).

4. Considerações Finais

O objetivo deste trabalho era descrever e analisar o comportamento das proparoxítonas no português de STP. A partir das generalizações de Araujo et al. (2008) para o português brasileiro, pretendíamos observar os contextos de manutenção do acento antepenúltimo e aqueles que favoreciam apagamentos e inserções de material segmental e processos de ressilabificação. Assim, podemos observar que as proparoxítonas no português de STP não sofrem alterações em determinados contextos e que permitem a ocorrência de vários processos de adição e apagamento, em outros. Em primeiro lugar, não ocorre o apagamento de segmentos ou ressilabificação quando as consoantes /p, b, t, d, g, k, f, v/ estiverem na posição de onset da sílaba pós-tônica medial e no onset da sílaba final. Nesse caso, o apagamento da vogal pós-tônica imediata geraria uma sequência agramatical, bloqueando a redução. Quanto aos contextos favorecedores e desfavorecedores da alteração do acento proparoxítono, comparando com as condições observadas na pesquisa de Araujo et al. (2008), o português de STP apresenta algumas semelhanças com o PB: no caso de inserção vocálica, a vogal [i] é o elemento inserido para desfazer clusters não permitidos na língua. No entanto, há alguns casos que não corroboraram as condições propostas para o PB. Dessa forma, não ocorreu apagamento total de estrutura quando a sílaba pós-tônica era formada por uma das consoantes nasais (/m, n/) e uma vogal. Porém, quando a sílaba átona final possuía um onset complexo com um rótico, o apagamento desse segundo elemento da sílaba final se mostrou opcional, mantendo-se a sílaba pós-tônica e gerando uma estrutura CV na sílaba átona. Assim, as condições propostas não se mostraram aplicáveis totalmente ao português de STP. Supomos que isso ocorra porque a estrutura silábica mais comum ao português de STP é CV. Portanto, a estrutura CV.CV.CV repele os processos de síncope, mantendo-se seu padrão acentual original. Adicionalmente, se a estrutura trissilábica contiver um onset complexo, como em CV.CV.CCV, a apócope poderia ocorrer na sílaba átona, formando a estrutura preferida CV.CV.CV.

Já a presença da consoante /l/ na posição de onset na sílaba pós-tônica não final pode impedir a ocorrência de síncope. Por um lado, a síncope da vogal pós-tônica e a ressilabificação da consoante [l] para o onset da sílaba pós-tônica não final para a coda da sílaba tônica são favorecidos. Por outro lado, pode ocorrer o apagamento da vogal da sílaba com /l/, com uma realização velarizada de [ɫ] na coda, em alguns contextos. Assim, propomos que a síncope pode não ocorrer quando a consoante /l/ está na posição de onset na sílaba pós-tônica não-final, porém, se a vogal da sílaba pós-tônica não final for labial, pode ocorrer a síncope e posteriormente a ressilabificação de /l/. Nesse caso, contudo, a lateral é realizada como [ɫ]. Observamos também o cluster [ts] na posição de coda, resultado de apagamentos vocálicos. Quando a sílaba átona final era composta por uma consoante [t] e por uma vogal [e] ou [i], seguida, por uma consoante /s/ na coda da sílaba átona final, ocorria o apagamento da vogal, resultando em um cluster [ts].

As observações aqui levantadas abrem um caminho para estudos futuros sobre a qualidade da vogal inserida entre encontros agramaticais, o comportamento de clusters consonantais pouco descritos, como o [ts], bem como a ocorrência de palavras com acento superesdrúxulo.

Referências bibliográficas

- Agostinho, A. L.; & Araujo, G. A. d. (2007a). Palavras Oxítonas no Português. *Academic Bulletin Kyoto University of Foreign Studies*, 70, 235-257.
- . (2007b). Um estudo estatístico sobre as oxítonas no português. *Signotica*, 19, 177-208.
- Agostinho, A. L.; Araujo, G. A. d.; & Freitas, S. (2012). Resolução de hiato externo em principense. *Papia*, 22, 295-305.
- Amaral, M. P. d. (2002). A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In L. Bisol, & C. Brescancini (Eds.), *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro* (pp. 99-126). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Araujo, G. A. d. (2020). Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, 22, 57-78. <<https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n1a32012>>.
- Araujo, G. A. d.; & Agostinho, A. L. (2010). Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, 26, 49-81.
- Araujo, G. A. d.; & Balduino, A. M. (2019). Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. *Diacrítica*, 33, 2, 41-68. <<https://doi.org/10.21814/diacritica.256>>.
- Araujo, G. A. d.; Oliveira, L.; Guimarães-Filho, Z.; & Viaro, M. E. (2008). Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 50, 1, 69-90.
- Balduino, A. M. (2022). *Fonologia do português de São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Universidade de São Paulo. <<https://doi.org/10.11606/T.8.2022.tde-04102022-155344>>.
- Balduino, A. M.; & Agostinho, A. L. (In preparation). Uma análise da degeminação no Português Príncipeense.
- Balduino, A. M.; Agostinho, A. L.; Araujo, G. A. d.; & Christofolletti, A. (2015). A nasalidade vocálica em santome e lung'le. *Papia*, 25, 1, 7-24.
- Balduino, A. M.; & Araujo, G. A. d. (2023). Tautosyllabic Vowel Nasalization in the Portuguese of São Tomé. *Dialectologia*, 29.
- Bandeira, M. (2017). *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. München: Lincom.
- Bandeira, M.; Araujo, G. A. d.; & Finbow, T. (2021). The Gulf of Guinea Proto-Creole and its Daughter Languages: from Liquid Consonants to Complex Onsets and Vowel Lengthening. *Journal of Language Contact*, 14, 3.
- Bisol, L. (1992). O acento: duas alternativas de análise.
- . (1994). O acento e o pé métrico. *Letras de Hoje*, 29, 4, 25-36.
- Boersma, P.; & Weenick, D. (2015). Praat: doing phonetics by computer. 5.4.08 edn.
- Bouchard, M.-E. (2017). *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. New York: New York University.
- Collischonn, G. (1999). Acento em português. In L. Bisol, (Ed.), *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* (pp. 125-155). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ferraz, L. I. (1979). *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Figueiredo, C. (2014). Português de Almoxarife, São Tomé: sentenças relativas com relativizadores ku e com. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 16, 2, 277-309. <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p277-309>>.
- Freitas, S.; Bandeira, M.; & Agostinho, A. L. (2021). Aspectos fonético-fonológicos do kabuverdianu falado na Ilha do Príncipe. *Journal of Ibero-Romance Creoles*, 11, 109-135.



- Goldsmith, J. (1990). *Autossegmental & Metrical Phonology*. Massachusetts: Blackwell.
- Hagemeyer, T. (2016). O português em contacto em África. In *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 43-67). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Houaiss, A.; & Villar, M. d. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- INE (2016). Instituto Nacional de Estatística de STP: Dados demográficos 1970 à 2016.
- Lee, S. H. (2004). Síncope, Brevis Brevians e Acento no Português Brasileiro. UFMG.
- Massini-Cagliari, G. (1999). *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL/ Laboratório Editorial/UNESP, Cultura Acadêmica.
- Massini-Cagliari, G. (2007). Das cadências do passado: o acento em português arcaico visto pela Teoria da Otimalidade. In A. G. d. Araujo (Ed.), *Acento em português: abordagens fonológicas* (pp. 85-120). São Paulo: Parábola Editorial.
- Monareto, V. N. O.; Quednau, L. R.; & Hora, D. d. (2001). As consoantes do português. In Bisol, Leda (ed.), *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro* (pp. 195–228). Porto Alegre: Edipucrs.
- Moraes, J.; & Wetzels, W. L. (1992). Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23, 153-166. <<https://doi.org/10.20396/cel.v23i0.8636851>>.
- Sandalo, F. (1999). Acento e Sonoridade. Paper presented at the ABRALIN, Florianópolis.
- Santiago, A.; & Agostinho, A. L. (2020). Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana*, 21, 1, 39-61. <<http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i1.4970>>.
- Silveira, A. C.; & Araujo, G. A. d. (2018). Ditongos no português vernacular de São Tomé. In M. S. D. Oliveira, & G. A. d. Araujo (Eds.), *O Português na África Atlântica* (pp. 261-296). São Paulo: Humanitas/FAPESP.
- Vieira, N. M. T.; & Balduino, A. M. (2020). Apagamento de /R, S, l/ na coda no português de São Tomé: convergência linguística? *Papia*, 30, 1, 7-33.
- Williams, E. (1975). *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Yida, V.; Simões, D. d. S. L.; & Vasconcelos, C. A. (2019). A síncope das postônicas não finais no interior paranaense: uma análise autossegmental e variacionista a partir de dados do ALI. *ALFA: Revista de Linguística*, 63. <<https://doi.org/10.1590/1981-5794-1911-1>>.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.